

Flauteando com licenciandos do curso de Música – PARFOR: Uma experiência com formação de professores

Bruna Williena da Silva
Universidade Estadual de Maringá
bruna_williena@hotmail.com

Resumo: Este artigo trata-se de um relato de experiência, visa abordar a prática e ensino da flauta doce no curso de música PARFOR, com professores sem conhecimentos musicais prévios sistematizados. Inicialmente, contextualizo o curso de Música-PARFOR UEM, em seguida apresento a ementa e programa do módulo I de Flauta doce de acordo com o Projeto Político Pedagógico. Posteriormente relato as atividades e as análises das aulas, que foram classificadas nas seguintes dimensões: Musicalidade, Técnica do instrumento (técnica tradicional e expandida), Composição e Apreciação. A partir dessas dimensões, destaco como foi o desenvolvimento musical e pedagógico-musical do processo de ensino de flauta doce para adultos.

Palavras chave: Flauta doce, Formação de professores, PARFOR

Introdução

Este texto trata de um relato de experiência referente ao trabalho desenvolvido no módulo de flauta doce do curso de Música, modalidade PARFOR (Plano de Formação de Professores da Educação Básica), 2ª licenciatura, da Universidade Estadual de Maringá, no ano de 2015.

Neste artigo, inicialmente apresento em síntese o programa PARFOR, a estrutura e funcionamento do curso de música PARFOR da UEM, bem como a ementa e programa do módulo I de flauta doce. Posteriormente apresento como a disciplina se desenvolveu na prática e realizo uma análise da proposta desenvolvida categorizando o trabalho, nas dimensões: Musicalidade, Técnica do instrumento (técnica tradicional e expandida), Composição, Apreciação e Performance.

O curso: Música – PARFOR / UEM

O PARFOR tem por objetivo fomentar a oferta de turmas especiais nos cursos de licenciatura das Instituições de Ensino Superior (IES), nas modalidades de Licenciatura, Segunda Licenciatura e Formação Pedagógica, bem como utilizá-las como uma articulação entre as universidades e a educação básica.

O PARFOR em música da UEM teve início em 2011 e em 2015 iniciou sua terceira turma, que é composta por vinte e três licenciandos, provenientes de diferentes áreas de conhecimento: pedagogia, letras, arte, história, filosofia. Nesse sentido, o PARFOR-Música oferece “ao professor em exercício uma oportunidade de revisar a sua prática pedagógica e dar outros rumos à sua trajetória docente” (FIALHO, 2015, p. 11).

O programa na modalidade presencial é ofertado aos professores ministrantes de disciplinas diferentes de sua área de conhecimento formação. Segundo Paine e Costa (2014) o PARFOR atende quarenta mil alunos da Educação Básica. As autoras realizaram uma pesquisa com os alunos do PARFOR/UEM e, segundo a opinião dos entrevistados, o PARFOR é uma “opção de ampliar seus conhecimentos e aprimorar sua atuação em sala de aula”. Dessa forma, o programa possibilita uma melhora significativa no que diz respeito à educação básica no País, pois: “o professor eficiente é capaz de ir além das superficialidades dos conteúdos, possibilitando ao aluno um melhor aprendizado e um maior desenvolvimento cognitivo” (PAINE; COSTA, 2014).

As aulas do curso de Música–PARFOR UEM são coletivas e ocorrem aos sábados. A abordagem pedagógico-musical privilegia a discussão e a reflexão sobre as possíveis práticas pedagógicas para o contexto escolar (FIALHO, 2013).

A proposta do curso

se destaca como uma estratégia de articulação entre a educação superior e a educação básica, estimula a reflexão e as pesquisas sobre a formação de docentes e reforça a importância do percurso formativo docente amparando-se no elo entre ensino, pesquisa e extensão (FIALHO, 2015, p. 10).

O currículo do curso de Música/PARFOR, prevê a oferta de cinco instrumentos musicais: Canto, Flauta doce, Piano, Violão e Percussão. Com carga horária total de quarenta e

oito horas/aula, os módulos estão divididos por I e II, em doze encontros de uma hora e quarenta minutos quinzenalmente, totalizando vinte e quatro horas.

A ementa do módulo I de Flauta Doce visa proporcionar aos professores o estudo de técnicas tradicionais básicas de execução da Flauta doce soprano, às técnicas expandidas; discutir propostas lúdicas para uso da Flauta doce na escola; apreciar o repertório para flauta doce (PPP MÚSICA PARFOR, 2015 p. 14).

O programa da disciplina, prevê que os alunos venham a:

conhecer e utilizar técnicas básicas e sonoridades diversificadas para o domínio elementar da flauta doce; experimentar sonoridades alternativas na flauta doce por meio do uso de técnicas expandidas; compreender diferentes formas de utilização e experimentação da flauta doce para o contexto da aula de música na escola; equilíbrio de sonoridades para flauta doce em grupo; conhecer repertório específico para flauta doce; criação de arranjo e composição musical em grupo, com foco na flauta doce; adquirir competências básicas na interpretação de repertório voltado para flauta doce: individual e coletivo (PPP MÚSICA PARFOR, 2015 p. 14).

A flauta doce torna-se um instrumento importante no desenvolvimento desses alunos enquanto educadores musicais, sob a perspectiva de ser um instrumento de fácil acesso, disponibilizado gratuitamente em alguns locais nas escolas municipais e estaduais. Sendo que através da flauta doce, é possível desenvolver aspectos pertinentes ao desenvolvimento humano (FREIXEDAS, 2015). Portanto, ao se trabalhar com a flauta doce no PARFOR, os alunos podem vir a desenvolver a musicalidade (CUERVO, 2009).

Para isso, ao planejar as aulas atentei-me para oportunizar atividades que contemplassem: a formação de possíveis músicos (flautistas, regentes) e educadores musicais aptos a trabalhar música na educação básica.

Desenvolvimento das aulas

Neste item, discorro sobre as práticas musicais desenvolvidas no módulo I, de flauta doce no curso música - PARFOR UEM. Essas atividades foram divididas em 1) Desenvolvimento

da musicalidade; 2) Compreensão da técnica do instrumento (técnica tradicional e expandida)¹; 3) Experiências relativas ao ato de compor para a flauta e 4) O modo de apreciar obras para flauta doce.

Musicalidade

Para retratar o aspecto da musicalidade, utilizei a atividade de Carlos Kater “Era uma vez uma pessoa”. Segundo Kater (2011), a intenção da proposta é oportunizar uma vivência agradável junto às crianças, interdisciplinar, durante a qual foram abordados tópicos pertinentes (escuta, percepção e memória). A proposta que utilizei estruturou-se com base nas frases originais:

- 1 - Eraumavezumapessoa
- 2 - queouviamuitobem
- 3 – escutavatudoetodoseimitavasonstambém

A partir destas frases, a turma foi dividida em três grupos: o primeiro grupo foi o de homens (sons graves), e as mulheres ficaram divididas em sons médios e agudos. A primeira parte da atividade consistiu em uma vivência de sobreposições vocais (quando as frases de uma música são entoadas ao mesmo tempo) e alterações timbrísticas (mudanças de registro vocal/entonação). Para dar continuidade à atividade, sugeri que os grupos criassem melodias na flauta doce, utilizando as notas do pentacórdio da escala de ré maior. Dentre os conteúdos musicais e técnicos presentes no contexto, centrei minha atenção no desenvolvimento da articulação (“dê”) de figuras de valores curtos, como: colcheia e semicolcheia, ambos presentes na rítmica utilizada nas frases.

Com esta atividade, os alunos puderam desenvolver uma escuta atenta, pois para criar em conjunto uma melodia de pentacórdio, eles precisaram ouvir os colegas, bem como se atentarem as possibilidades do conjunto e não individuais. Em relação a musicalidade, ao se

¹ Para saber mais: <http://www.helciomuller.mus.br/flauta.html>
<http://quintaessentia.com.br/category/artigo/>

atentarem as vozes quando em conjunto, precisaram centralizar a sua própria sonoridade, tal como a diferença de altura e intensidade enquanto música.

Técnica

Cuervo (2009), compreende a técnica como um conjunto de procedimentos práticos que vem ao encontro da resolução de aspectos problemáticos da execução.

Acerca desta dimensão, abordei atividades práticas e reflexivas que englobassem aspectos técnicos. Sendo estes: articulação, golpe de língua (simples e duplo), postura e respiração. Contudo, é imprescindível afirmar que o desenvolvimento técnico foi gradual e individual, onde cada aluno teve sua experiência com o instrumento.

Para a articulação e definição do golpe de língua, utilizei a atividade “Caminho rítmico”. Para isso utilizei cartões, feitos com folha de sulfite, onde continham desenhos de figuras rítmicas (semibreve, mínima, semínima e colcheia), bem como suas respectivas pausas. Em um primeiro ato, com os cartões em mãos, o professor indica um aluno para iniciar, este primeiro participante deve organizar no chão uma sequência de figuras de som e silêncio, em seguida escolher uma articulação específica (t (+vogal); d (+vogal) ou r), para que posteriormente uma segunda pessoa escolhida pelo participante 1, produza o ritmo da figura.

Os alunos aprovaram a proposta e ficaram muito receptivos com a possibilidade de aplicação na escola, sendo que de forma natural, os alunos compreenderam a articulação, bem como a definição de um golpe de língua, constato isto, pois por meio da observação, notei a mudança na postura dos alunos relativas a este assunto. A postura, bem como a respiração são conceitos e práticas que foram abordadas em todas as atividades, não especificamente. Contudo, estiveram foram elucidadas em todas as músicas e discussões ocorridas.

Para apresentação das formas de técnica expandida e exploração sonora do instrumento, utilizei as atividades Trem de ferro e o Passarinho Tuku (criada por mim).

Depois expor a canção “Trem de ferro”² (patrimônio público), pedi aos alunos que através de sons, imaginasse e fizessem com a flauta os sons que acreditavam encontrar no

² <https://www.youtube.com/watch?v=1knlx8nh5o0>

caminho que o trem percorria. Para isto, dividimos a sala em dois grupos, o primeiro grupo fez sons percussivos com a flauta, bem como sons com o corpo. O segundo grupo fez sons de apito com a cabeça da flauta, sons de pássaro que estavam no lugar onde o trem parava, passos dentro do trem, e etc.

Para desenvolver a proposta que planejei com o uso da história “Passarinho Tuku” iniciei explicando sobre os sons e nomes mais usuais de técnicas expandidas, Em seguida, comecei a narrar a história e toquei uma sonoridade para representar o passarinho:

Era uma vez um passarinho (melodia do passarinho), que adorava entoar melodias por onde passava (...), em dias de sol, seu som era alegre (...), mas em dias de chuva, era um som bem tristinho (...) / O pequeno passarinho (...) não se deixava entristecer (...), sempre inventava um som novo para o dia florescer (...), alguns dias imitava seus colegas animais, a coruja (...) o galo (...) cachorro (...) e gato (...), em outros imitava os sons da natureza: o vento (...), a chuva (...), mas seus sons preferidos eram aqueles sem sentido, sem uma ordem específica (...) de qualquer forma o seu som era sempre agradável, seja grave (...) ou agudo (...), é sempre beem afinadinho (melodia do passarinho) (SILVA, 2016)

Na sequência expliquei que eles deveriam usar e inventar outros sons relativos à técnica expandida da flauta doce, sendo que o tema do passarinho deveria vir a ser reproduzido toda vez que o nome do mesmo fosse mencionado. Para isso, dividimos a sala em dois grupos. Em dez min os grupos realizaram a atividade, o primeiro grupo, usou sons não convencionais, mas que retrataram muito bem o clima esperado pela história. O segundo grupo usou melodias para retratar a intenção e não os sons de expandidos. Contudo, os dois grupos se saíram muito bem e conseguiram entender a proposta que pode ser um recurso importante para sala de aula.

A partir destas atividades, os alunos tiveram autonomia para presidir a escolha de assuntos referentes articulação, bem como a compreensão do que é entendido pelo ato de “articular”. Sendo que posterior a atividade, foi aberta uma reflexão sobre as possibilidades da mesma na educação básica. Durante o referido momento, os alunos apontaram observações relacionadas a vivência em flauta doce, como a forma “natural” de articular, onde crianças ou

outros, podem desenvolvê-la de forma prazerosa. Apontaram também a vivência de padrões rítmicos e as subdivisões de figuras musicais.

Para mostrar e elucidar outras formas de utilização da flauta doce como instrumento percussivo, propus a execução dois arranjos do material didático de Viviane Beineke e Sérgio Paulo Ribeiro de Freitas, das músicas “Tumbalacatumba³” e “Sereia”. Estas músicas propiciaram uma prática diferenciada no que tange concepção de uso da flauta doce. Ao propor estas canções, muitos alunos em um primeiro momento não compreenderam a forma de produzir música, contudo depois de algumas reflexões eles se mostraram mais receptivos para essas práticas, bem como, a aceitaram como forma de fazer música com a flauta doce.

Composição

Como atividade composicional, pedi aos alunos que “criassem” uma música de no máximo oito compassos. Não estabeleci regras, portanto, ficou livre para escreverem de acordo com conhecimentos que cada aluno dispunha.

A intenção desta proposta esteve calcada em proporcionar uma experiência composicional com flauta doce, bem como demonstrar possibilidades de se trabalhar a composição na aula de música/flauta doce.

No período da atividade de composição, estávamos trabalhando a música “Quem me ensinou a nadar⁴”. A música estava na tonalidade de ré maior, e para isso os alunos precisaram aprender a nota fá sustenido. Nas suas composições ficou nítido a influência desta música, pois todos citaram de forma indireta esta canção, seja pela sugestão de tonalidade (sol – ré maior) ou a utilização da temática da música. Portanto, a música influenciou assim como outras canções a ideia de composição dos alunos.

Outro aspecto importante, foi a utilização de uma “letra” na melodia. Entendo como letra, o verso utilizado por alguns músicos para completar a melodia e harmonia em uma determinada música, que pode ser entendida por canção. Sendo assim, estes alunos ao

³ “Tumbalacatumba³” foi feito pela Beineke e o arranjo de “Sereia”, foi por Steiner, Mutzenberg, Godoy e Beneike.

⁴ Para saber mais: Livro Musicantes e o boi brasileiro de Carlos Kater.

pensarem em compor uma música associaram a ideia de que elas precisam de uma letra, e assim apenas duas das dez músicas não tiveram letras.

Das músicas que não tiveram letras, uma se destacou, por utilizar um recurso técnico que até então não havia sido mencionado nas aulas, o “trinado”. Não questionei a escolha do recurso, apenas perguntei como ela fazia para tirar aquele som e o por que ela havia escolhido. A aluna falou que “ao brincar (explorar) a flauta notou este som e decidiu usá-lo”;

Apreciação

Para elucidar as formas de apreciação musical, Swaniwick e França (2002) distinguem o “ouvir” em música de duas formas, o primeiro é o ouvir como *meio*⁵, que é entendido como o monitoramento do processo da atividade musical, e o segundo o ouvir como fim em si mesmo, onde a atividade se justifica por si só. Nas aulas de flauta doce, o ouvir esteve presente nas duas formas mencionadas. O ouvir como meio é uma atividade que permeia em todas as aulas e em todas as atividades trabalhadas, para desenvolver o senso da prática em conjunto.

Dessa forma, as atividades que envolveram ouvir como *meio*, foram exigidas um nível maior de concentração e atenção. Para exemplificar cito a atividade da aula seis, na qual foi trabalhada a canção “Peixinhos no mar”, utilizando as flautas garckleim, sopranino, soprano, contralto, tenor e baixo. A atividade consistiu na utilização das flautas mencionadas com uma harmonia simples, dominante e tônica. Contudo, para a música acontecer, os alunos com as flautas da mesma afinação tinham uma melodia para tocar, bem como pensar e ouvir a melodia que os outros colegas estavam tocando no momento da atividade. Portanto, os alunos precisaram se concentrar na sua própria linha melódica, no instrumento que até então era novo e ouvir a melodia tocada pelos colegas, no qual podemos articular como uma proposta de *ouvir* como meio para a prática musical.

O segundo caso, o ouvir como fim, foi a atividade de “apreciação”, ou seja, de contemplação de algumas experiências do grupo de flautas doce na universidade de Pernambuco com canções conhecidas por eles, entre estas: “Asa Branca” e “Eu só quero um

⁵ Grifo do autor

xodó”. Posteriormente fizemos uma análise através de uma discussão dos instrumentos utilizados, da música (timbre, intensidade, andamento e interpretação) e do arranjo executado.

Considerações

O curso de música–PARFOR vem para corroborar com a capacitação dos professores que atuam com música, mas não possuem capacitação para tal atividade. Estes alunos participantes do PARFOR são leigos no que tange ensino sistematizado de música, portanto até o início do curso não tinham instrução necessária para trabalhar com a mesma na educação básica. Sendo assim, os mesmos ao iniciar no PARFOR, foram inicializados musicalmente, o que precisou de uma abordagem centralizada na: experiência, vivência e leitura musical, ao mesmo tempo que as propostas buscavam inicializar o potencial de futuros educadores musicais.

As aulas semanais, com duração de uma hora e quarenta minutos, não foram suficientes para solucionar as dúvidas dos alunos do curso, portanto busquei auxiliá-los através de vídeos explicativos e mensagens via rede social, onde é possível afirmar que foi imprescindível para o desenvolvimento individual. Sendo que algumas destas dúvidas nem sempre eram assuntos do módulo de flauta.

As atividades foram pensadas, para proporcionar subsídio a estes professores na educação básica, mas também propiciar um ambiente musical, em que os mesmos se sentissem acolhidos e amparados por um fazer musical efetivo, onde suas expectativas com relação a música fossem efetivadas. Desta forma, é possível afirmar que para os alunos e para a ministrante da disciplina, o curso e as atividades puderam possibilitar um aprendizado efetivo, contribuindo no desenvolvimento musical e pedagógico dos envolvidos.

Referências

BEINEKE, Viviane; FREITAS, Sérgio Paulo Ribeiro de. *Lenga la Lenga: Jogo de mãos e copos*. Florianópolis: 2006.

CUERVO, Luciane da Costa. Musicalidade na Performance com a Flauta doce. In: Dissertação de mestrado: Universidade Federal do Rio grande do sul. Porto Alegre, 2009.

FIALHO, Vania M. *PARFOR, Política pública, formação de professores de música: construção do currículo da licenciatura de 2 anos*. In: *Anais 9ª Conferência Latino-americana e 2ª pan-americana da Sociedade internacional de Educação musical – ISME*. Chile, 2013.

FIALHO, Vania M; MALAGUTI, Vania G; OLIVEIRA, Andréia P C. *Compreendendo o curso de Música – Parfor da UEM: Uma pesquisa exploratória*. Simpósio In Anais do XXII Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. Natal: 2015.

FREIXEDAS, Cláudia Maradai. *O desenvolvimento de aspectos humanos e técnicos através do ensino de flauta doce*. In: *Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM*. Natal: 2015.

KATER, Carlos. *Musicantes e o Boi brasileiro*. São Paulo: 2011.

PAINI, Leonor D; COSTA, Cecília E M; VICENTINI, Max R. (Org.) *PARFOR: Integração entre Universidade e ensino básico diante dos desafios na formação de professores do Paraná*. Maringá: Eduem, 2014.

PAINI, Leonor D; COSTA. A formação de professores em debate: integração da universidade com o ensino básico. In: PAINI, Leonor D; COSTA, Cecília E M; VICENTINI, Max R. (Org.) *PARFOR: Integração entre Universidade e ensino básico diante dos desafios na formação de professores do Paraná*. Maringá: Eduem, 2014.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Resolução Nº 170/2015–CI / CCH. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2015.

SILVA, Bruna Williena. *História do passarinho tuku*. Não publicado: 2016.

SWANWICK, Keith; FRANÇA, Cecília Cavaliere. *Composição, Apreciação e Performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática*. In: EM PAUTA. v. 13 p. 21, 2002.